

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM A FAMÍLIA DA CRIANÇA AUTISTA: UMA REVISÃO DA LITERATURA¹

NURSING CARE FOR THE FAMILY OF THE AUTISTIC CHILD: A LITERATURE REVIEW.

Marcella Edwirges Nogueira Gomes Silveira²

Juliana de Souza Costa Cola de Queiroga³

RESUMO

Introdução: O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurodesenvolvimental complexa que afeta a comunicação, interação social e comportamento dos indivíduos. Nesse contexto, a enfermagem pode trazer grande contribuição para a qualidade de vida de pacientes com diagnóstico de TEA, de modo a auxiliar não só a criança, como também a assistir sua família.

Objetivo: O objetivo desse trabalho é compreender o papel da enfermagem no cuidado a pessoas com TEA e de sua família. **Metodologia:** O estudo trata-se de revisão integrativa de literatura e buscou estudos completos que abordassem o papel da enfermagem frente ao autista e seus cuidadores, com recorte temporal de 2012 a 2023. **Resultados:** Evidenciou-se que os enfermeiros podem auxiliar a família e a criança com TEA na fase do diagnóstico, além de outras fases da vida que indivíduo necessita de cuidados de saúde, levantou-se que os profissionais possuem uma noção intermediária sobre o autismo, apresentando limitações quanto ao conhecimento e suas práticas, sendo importante abordar o TEA desde a formação acadêmica até a educação continuada após o início na vida profissional. **Conclusão:** Verificou-se através do estudo que o enfermeiro possui capacidade de desenvolver estratégias para proporcionar ao paciente com TEA e seus cuidadores uma assistência à saúde integral, em todos os âmbitos. Além disso, salienta-se que suas práticas e intervenções se apresentam eficazes e apresentam melhora para qualidade de vida do indivíduo e de seus cuidadores.

Palavras-chaves: Autismo infantil; Transtorno de Espectro do Autista; Enfermagem.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso como pré-requisito para obtenção do Grau em Bacharel em Enfermagem.

² Graduanda do 10º período do Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Vila Velha – UVV. E-mail: marcellae.silveira@gmail.com.

³ Mestre em Políticas Públicas e Desenvolvimento Local. Professora orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso da Universidade Vila Velha – UVV. E-mail: juliana.cola@uvv.br

ABSTRACT

Introduction: Autism Spectrum Disorder (ASD) is a complex neurodevelopmental condition that affects communication, social interaction and behavior of individuals. In this context, nursing can make a great contribution to the quality of life of patients diagnosed with ASD, in order to help not only the child, but also assist their family. **Objective:** the objective of this work is to understand the role of nursing in caring for people with ASD and their families. **Methodology:** The study is an integrative literature review and sought complete studies that addressed the role of nursing in relation to autistic people and their caregivers, with a time frame from 2012 to 2023. **Results:** It was evidenced that nurses can help the family and the child with ASD in the diagnosis phase, in addition to other stages of life in which the individual requires health care, it was found that professionals have an intermediate notion about autism, presenting limitations regarding knowledge and practices, and it is important to address the ASD from academic training to continuing education after starting professional life. **Conclusion:** It was verified through the study that nurses have the ability to develop strategies to provide patients with ASD and their caregivers with comprehensive health care, in all areas. Furthermore, it should be noted that its practices and interventions are effective and improve the quality of life of the individual and their caregivers.

Keywords: Autistic Disorder; Autism Spectrum Disorder; Nursing.

1 INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição neurodesenvolvimental complexa que afeta a comunicação, interação social e comportamento dos indivíduos. Leo Kanner, pioneiro no estudo do autismo, descreveu-o pela primeira vez em 1943 como “uma incapacidade inata para formar relações afetivas”. Segundo Kanner, as crianças autistas apresentam uma “solidão essencial”, destacando a dificuldade em estabelecer conexões emocionais com os outros (Jerônimo *et al.*, 2023).

Outro autor proeminente, Hans Asperger, em sua pesquisa, identificou um perfil diferente dentro do espectro autista, que veio a ser conhecido como Síndrome de Asperger. Ele descreveu indivíduos com dificuldades sociais e interesses restritos, mas com linguagem e habilidades cognitivas preservadas. Asperger enfatizou a importância de reconhecer e apoiar os potenciais, habilidades e talentos das pessoas com autismo (Dartora *et al.*, 2014).

Além das definições de Kanner e Asperger, é crucial compreender as variações dentro do espectro autista. O TEA engloba uma ampla gama de apresentações clínicas, desde casos graves com comprometimento intelectual significativo até formas mais leves, como a síndrome de Asperger. Essa diversidade de manifestações reflete a complexidade genética e neurológica do transtorno (Fontinele *et al.*, 2021).

A vivência da família de uma criança autista é profundamente influenciada pelo diagnóstico e pelo dia a dia com o transtorno. Receber o diagnóstico de autismo pode ser um momento de grande impacto emocional para os pais e outros membros da família. Muitas vezes, o diagnóstico traz consigo uma mistura complexa de emoções, que vão desde o choque e a negação até a tristeza, a ansiedade e a incerteza em relação ao futuro (Fontinele *et al.*, 2021).

Lidar com as demandas do cuidado de uma criança autista pode ser desafiador para a família, especialmente nos estágios iniciais, quando podem surgir dúvidas e preocupações sobre como fornecer o melhor suporte possível. A família pode se sentir sobrecarregada pelas necessidades especiais do filho, bem como pelas adaptações que precisam fazer em suas rotinas e estilo de vida para atender às necessidades do autista (Sousa *et al.*, 2022).

No entanto, ao longo do tempo, muitas famílias encontram maneiras de se adaptar e aprender a lidar com os desafios do autismo. Elas podem se unir em busca de recursos e apoio, incluindo terapias, grupos de apoio e informações sobre o transtorno. A aceitação do diagnóstico e o desenvolvimento de estratégias eficazes de enfrentamento podem ajudar a reduzir o estresse e promover uma sensação de controle e resiliência dentro da família (Dartora *et al.*, 2014).

Nesse contexto, a enfermagem pode trazer grande contribuição para a qualidade de vida de pacientes com diagnóstico de TEA, de modo a auxiliar não só a criança, como também a assistir sua família. Além disso, o enfermeiro pode contribuir para um diagnóstico precoce, devido a sua proximidade com a assistência à saúde infantil (Brasil, 2021).

Este trabalho busca contribuir para a capacitação da enfermagem, fornecendo informações e orientações sobre a identificação do TEA e destacando a importância do seu papel na promoção do desenvolvimento saudável das crianças. Acredita-se que o enfermeiro capacitado e sensibilizado oferece maior suporte para a família, conseguindo facilitar o encaminhamento para avaliação e intervenção especializada, bem como desenvolver uma assistência eficaz. Assim, o objetivo geral desse trabalho é compreender o papel da enfermagem no cuidado a pessoas com TEA. Tendo como objetivos específicos: compreender sobre o impacto do TEA na dinâmica familiar; e identificar a contribuição da enfermagem no cuidado da criança autista e sua família.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Autismo e Dinâmica Familiar

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), também nomeado de autismo, é caracterizado pelo desenvolvimento neurológico atípico, que traz dificuldade na organização e na forma de expressar pensamentos, sentimentos e emoções. Seus principais sinais são a falta de comunicação e de socialização, levando o indivíduo a um comportamento limitado e repetitivo (WHO, 2023).

Os sinais de alerta do autismo podem surgir nos primeiros meses de vida, sendo os cinco primeiros anos de vida cruciais para seu diagnóstico. Contudo, o TEA tende a ser presente também na adolescência até a fase adulta, tendo como sinais mais comuns: atraso anormal na fala, dificuldades de interação social e sinceridade excessiva (Brasil, 2023).

Dentro do espectro do autismo, existem diferentes tipos que variam em termos de gravidade e características. Os principais tipos incluem o autismo clássico, a síndrome de Asperger e o transtorno desintegrativo da infância. O autismo clássico, também conhecido como autismo de Kanner, é caracterizado por um comprometimento global nas áreas de comunicação, interação social e comportamento. Os indivíduos com autismo clássico podem exibir atrasos significativos no desenvolvimento da linguagem e comportamentos repetitivos e estereotipados. Já a síndrome de Asperger é marcada por um desenvolvimento linguístico geralmente normal ou acima da média, mas com dificuldades significativas na interação social e compreensão de nuances sociais. Indivíduos com essa síndrome podem ter interesses específicos e padrões de comportamento repetitivos. O transtorno desintegrativo da infância, também conhecido como síndrome de Heller, é uma forma rara de autismo caracterizada pela perda gradual das habilidades previamente adquiridas, como linguagem, habilidades motoras e sociais, após um período de desenvolvimento aparentemente normal (Santos et al., 2019; Nunes *et al.*, 2020).

É estimado que cerca de 1 em cada 100 crianças tenha autismo. No Brasil, afirma-se que 1% da população está no espectro, o que corresponde a aproximadamente dois milhões de brasileiros. Levanta-se ainda que a prevalência do autismo vem aumentando nos últimos anos, sendo monitorado pela Rede Monitoramento de Deficiências no Desenvolvimento e Autismo – ADDM (Brasil, 2023).

O TEA não possui uma única causa para seu desenvolvimento, este pode surgir por fatores genéticos e ambientais. Salgado *et al.* (2022) corroboram que o transtorno pode estar relacionado ao tipo de parto obstétrico, como a cesariana, bem como problemas de saúde associados ao período da gravidez pela mãe. Além disso, os autores ainda citam o aumento da diferença na idade dos pais e a ordem de nascimento mais precoce na família como fatores que predisõem o autismo. Afirma-se que o transtorno também ocorre por causas hereditárias, possuindo influência genética. Segundo Ozonoff *et al.* (2011), a recorrência entre irmãos estima-se em até 19%. Assim, é possível passar por famílias que tenham mais de um indivíduo autista em sua composição, de modo que o fator genético se mostre significativo para o diagnóstico de TEA.

O diagnóstico do TEA é um processo complexo que envolve uma avaliação abrangente realizada por uma equipe multidisciplinar. Os profissionais de saúde, incluindo médicos, psicólogos e terapeutas ocupacionais, utilizam critérios específicos, como os descritos no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), para identificar a presença e gravidade dos sintomas autísticos (Sousa *et al.*, 2022). O diagnóstico do TEA não se baseia apenas na presença de sintomas específicos, mas também na avaliação do nível de comprometimento em áreas como comunicação, interação social e comportamento repetitivo (Nunes *et al.*, 2020).

O tratamento do TEA geralmente inclui uma variedade de abordagens terapêuticas destinadas a melhorar as habilidades sociais, comunicativas e comportamentais dos indivíduos

autistas. Intervenções como a terapia comportamental intensiva, terapia ocupacional, fonoaudiologia e psicoterapia têm sido amplamente utilizadas para promover o desenvolvimento e a qualidade de vida das pessoas com TEA. Essas terapias são adaptadas às necessidades individuais de cada paciente e frequentemente envolvem a participação ativa da família no processo de tratamento (Neves *et al.*, 2020).

As alterações no desenvolvimento e no comportamento da criança faz com que os pais busquem um diagnóstico, que é realizado por uma equipe multiprofissional. Evidencia-se que o diagnóstico de TEA é um processo difícil para a família. Há um sentimento de revolta e dificuldade na aceitação, visto que muitas vezes as informações fornecidas são insuficientes e incompreendidas pelos familiares. Ainda pode-se citar a negação por parte dos entes, visto que estão lidando com o desconhecido. Pinto *et al.* (2016) revelam que na maioria dos casos há pouco esclarecimento sobre o TEA e seus prognósticos, o que dificulta a compreensão e a aceitação do mesmo pela família.

Deparar-se com as complexidades da criança autista causa sofrimento, frustração e medo. No momento que o diagnóstico é feito, a família passa a adentrar em um novo mundo, repleto de responsabilidades e dificuldades, visto que se trata de um indivíduo dependente (Buscaglia, 2006).

Do mesmo modo, levanta-se o luto pela criança saudável idealizada pelos pais como uma outra problemática. Desde a gestação se espera uma criança saudável e quando se apresenta fora das expectativas criadas, tem-se um processo doloroso de sentimentos de frustração (Machado, Londero, Pereira, 2018).

De acordo com Hofzmann *et al.* (2019), a presença de um indivíduo autista é capaz de mudar drasticamente a rotina familiar, devido às necessidades de cuidado e atenção à pessoa com TEA. A criança autista requer dos pais um dinamismo diário, pois estão frequentemente demonstrando comportamentos diferentes associados ao transtorno, o que exige da família formas distintas de atuar frente ao TEA.

Nesse contexto, levanta-se um termo que engloba as problemáticas de um responsável por um indivíduo com necessidades especiais, nomeado por Brannan, Heflinger e Bickman (1997, p. 212) como *tensão do cuidador* e definido como “as demandas, responsabilidades, dificuldades e consequências psíquicas negativas de cuidar de parentes com necessidades especiais”. Identificam-se três fatores distintos dentro desta medida: a tensão objetiva, que se relaciona a ocorrências negativas relacionadas ao cuidado, como interrupção do tempo do indivíduo quanto a rotinas/relacionamentos, faltas a compromissos, sofrimento físico/mental e tensão financeira; a tensão subjetiva internalizada, que se associa a sentimentos negativos que o cuidador pode vivenciar; e a tensão subjetiva externalizada, relacionada a sentimentos negativos do cuidador sobre o indivíduo com necessidades especiais e seus comportamentos.

A tensão do cuidador pode ser vivenciada por familiares de crianças com TEA, visto que esses possuem uma rotina árdua e cansativa, sendo tomada pelo esforço físico e o desgaste emocional. Além disso, cuidar de alguém com transtorno traz consigo o isolamento social, visto que a família tem medo de seus filhos passarem por situações constrangedoras e discriminatórias por parte de outras pessoas (Zanatta *et al.*, 2014).

Segundo Bonis (2015), aproximadamente 50% dos pais de crianças autistas sofrem com o diagnóstico de depressão clínica, bem como 41% possuem transtorno de ansiedade. Consonante a isso, outro estudo realizado por Chaim *et al.* (2019) demonstra que a qualidade de vida desses cuidadores é prejudicada, o que acarreta nesses diagnósticos, além do estresse, que é o mais citado entre autores sobre o tema. Ressalta-se que o estresse experienciado por esse grupo não se relaciona a criança, mas aos recursos disponíveis para os cuidadores de forma ambiental e social, que desencadeiam uma sequência de sentimentos negativos.

Embora possa ser assustador para a família no início, ressalta-se que o diagnóstico do TEA, mesmo com quebra de expectativas, não faz o sentimento de afeto pela criança diminuir. Nunes e Santos (2010) relatam que esse sentimento pode ser muitas vezes “maior”, gerado pela compreensão de que é necessário ofertar mais cuidados e atenção a ela.

Desse modo, assumir um novo papel e se adaptar a esse diagnóstico é possível quando a criança atípica é aceita e cuidada por outros membros da família. No momento em que os entes superam o diagnóstico, portas são abertas para trabalhar no potencial de desenvolvimento da criança, bem como conviver com o transtorno de modo prático e dinâmico (Pinto *et al.*, 2016).

Quando o olhar se volta para a família de uma criança com transtorno, verifica-se a necessidade de maior amparo e apoio emocional. Assim, é importante empoderar a família através do conhecimento sobre o transtorno, para que a mesma tenha maior ciência das capacidades e das limitações de seu filho. Proporcionar um espaço de troca de informações e vivências, bem como munir o ente de informações sobre o autismo, auxilia na quebra de preconceitos e em um cuidado efetivo para a criança (Machado, Londero, Pereira, 2018).

Apesar dos diferentes graus do espectro, o autismo apresenta complexidades, desenvolvendo múltiplas etiologias e graus de severidade. Desse modo, verifica-se que o autismo traz consigo uma maior predisposição a doenças crônicas ao indivíduo, ou seja, muitas vezes as manifestações sintomatológicas são acompanhadas de comorbidades. Assim, esse fato levanta a dinâmica familiar e sua vivência frente a possíveis hospitalizações que essa criança pode sofrer. Reforça-se que a dinâmica familiar da pessoa autista é diferente da de uma família típica em diversos aspectos (Brasil, 2014; Câmara *et al.*, 2011).

É de compreensão geral que a hospitalização de uma criança é algo delicado que requer cuidados especializados. Estar em um ambiente hospitalar pode ser uma situação perturbadora na vida de qualquer indivíduo, podendo trazer experiências mais difíceis quando se trata de um acontecimento na infância, pois está atrelada a vida familiar e na implicação de uma mudança na rotina da família (Quirino; Collet; Neves, 2020).

Adendo a isso, crianças com TEA possuem uma relação de dependência ainda maior durante o processo de hospitalização. Johnson *et al.* (2014) levantam a dificuldade na criação de vínculo com um paciente portador do transtorno por parte da equipe, o que pode trazer sentimentos negativos para a família. É comum o sentimento de impotência, principalmente diante da incapacidade de controlar o ambiente ou de proporcionar um alívio imediato à criança, agravando o estresse emocional.

Visto que a vivência do cuidador de uma criança autista é algo desafiador, torna-se necessário que os profissionais presentes no cuidado à pessoa com TEA criem estratégias que contribuam para que o mesmo tenha uma vida saudável e possa ter seu desenvolvimento impulsionado em todos os aspectos de sua vida, independentemente do ambiente social em que se encontram (Helps, 2016).

2.2 A Enfermagem no Cuidado da Criança Autista: Dinâmica Familiar e Práticas Assistenciais

Pessoas com autismo podem apresentar necessidades específicas de assistência à saúde relacionadas a condições do transtorno. Afirma-se que pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) são mais vulneráveis a desenvolver condições crônicas não transmissíveis, além de possuírem maior risco de abuso e violência (WHO, 2023).

Os indivíduos com TEA estão frequentemente sujeitos a discriminação e estigmas. Mediante a isso, demanda-se uma atenção em saúde acessível para suas necessidades. A otimização

do desenvolvimento, da saúde e da qualidade de vida de pessoas autistas consiste em iniciar desde a primeira infância uma ampla gama de intervenções (WHO, 2023).

A partir do diagnóstico de autismo, é importante que seus cuidadores recebam todo o amparo necessário no que diz respeito a serviços para a pessoa com transtorno, bem como recebam informações relevantes, encaminhamentos e apoio prático. As necessidades de saúde desse grupo exigem serviços integrados, incluindo promoção da saúde e reabilitação (Helps, 2016).

Verifica-se que a Atenção Primária à Saúde (APS) é a principal porta de entrada para o Sistema Único de Saúde (SUS) (Brasil, 2024). Nesse cenário, destaca-se o enfermeiro como um dos principais responsáveis pela assistência da criança nessa rede. Portanto, deve possuir o conhecimento necessário, compreendendo as fases normais de desenvolvimento da criança. Afirma-se que a enfermagem pode colaborar para a elucidação do diagnóstico do paciente, bem como na efetividade de seu acompanhamento. Dessarte, esses profissionais devem instrumentalizar-se de modo que sejam capazes de realizar a detecção precoce do autismo (Ebert; Lorenzini; Silva, 2015).

A condição do paciente autista exige do enfermeiro práticas de cuidado personalizadas, de forma que respeite a singularidade de cada um, visto que o TEA possui diferentes níveis de necessidade de suporte e assistência. Assim, a enfermagem enquanto profissão centrada no cuidado integral, deve garantir que a assistência prestada seja baseada em evidências e realizadas de maneira inclusiva, de forma que se estenda do desenvolvimento infantil até a fase adulta (Jerônimo *et al.*, 2023).

O enfermeiro atua ativamente na APS, bem como na Atenção Especializada. Essa atenção é subdividida em atenção secundária e terciária, tendo como características atendimento ambulatorial (média complexidade) e especialização hospitalar (alta complexidade) (Brasil, 2022). Nesse contexto, a criança com TEA possui diversas condições de saúde que expressam a necessidade de acesso a esses níveis de atenção, além dos já expressos por pessoas típicas durante a fase de crescimento e desenvolvimento (Volkmar; Wiesner, 2019).

Porém, ambientes como esses apresentam barulho em excesso e forte luminosidade, além de cores, texturas, toque e afins, com os quais a criança não está acostumada, o que torna esse ambiente algo hostil para a mesma. Todavia, no Brasil, existem diretrizes que direcionam e orientam a gestão e os profissionais quanto a abordagens para essa população, seja de forma terapêutica ou nos serviços gerais de atenção a essas crianças (Araújo; Veras; Varela, 2019).

Segundo Sandri, Pereira e Corrêa (2022), os enfermeiros muitas vezes não conseguem identificar uma criança autista, principalmente em casos mais brandos. Entretanto, as características do autismo se revelam rapidamente, principalmente em períodos longos de hospitalização ou de descostume com o ambiente, visto que o mesmo possui padrões de comportamento restritivos e repetitivos. Os autores supracitados afirmam que a permanência dessas crianças na atenção especializada intensifica esses comportamentos, devido a mudança de rotina. O autista pode ainda apresentar agitação, que decorre de disfunções na adaptação dos estímulos sensoriais dessas crianças diferentes do habitual.

Observa-se ainda nos tempos atuais a dificuldade de alguns profissionais em diferenciar doenças agudas do transtorno, fazendo com que os mesmos negligenciem internações. É necessária a compreensão de que o autista pode precisar de cuidados e tratamentos de sua saúde física e ser hospitalizado por doenças orgânicas prevalentes na infância. Assim, esse momento exige um olhar para a criança no total, pois a hospitalização pode comprometer seu espectro e até mesmo agravá-lo (Santos *et al.*, 2019).

Desse modo, o enfermeiro deve possuir compreensão da totalidade desse indivíduo para prestar cuidado. Para isso, existe desde o ano de 2014 o manual intitulado “Diretrizes de Atenção

à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)”, este tem como objetivo oferecer orientações para os profissionais quanto ao cuidado a pessoas autistas. Ele possui informações pertinentes sobre o transtorno, além de oferecer orientações importantes sobre o acompanhamento e atendimento a pessoas com TEA (Brasil, 2014).

Contudo, o cuidado à pessoa com TEA vai além do tratamento clínico. O suporte emocional, social e educacional para a criança e sua família são cruciais, tendo a enfermagem um papel importante na promoção dessa assistência. Os profissionais de enfermagem possuem capacitação para auxiliar as famílias na compreensão do diagnóstico e informações adicionais sobre o transtorno, incluindo instruções sobre rotinas que favorecem a autonomia, estratégias para lidar com os comportamentos desafiadores e orientações sobre práticas de estimulação (Nascimento *et al.*, 2018).

O apoio emocional a família da criança autista é de grande importância, visto que essa enfrenta diversas adversidades relacionadas ao transtorno. A postura acolhedora do enfermeiro ajuda a criar um ambiente de confiança e escuta, onde a família se sinta confortável para transmitir suas aflições e segura para reproduzir as orientações que são passadas pelo profissional (Ferreira, Theis, 2021).

A enfermagem é reconhecida por sua atuação ativa no cuidado humanizado e integral, tendo papel fundamental no processo de cuidado à pessoa autista e sua família. Através de seu olhar holístico e livre de preconceitos, pode atuar como agente fundamental na inclusão desse indivíduo na sociedade e diminuir os impactos causados pelo transtorno (Mota *et al.*, 2022).

As práticas de enfermagem devem ainda se voltar para a elaboração de planos terapêuticos que se adaptem às necessidades de saúde da criança, incluindo avaliações periódicas para monitorar as condições de saúde dela. Fatores como a nutrição, o sono e o bem-estar geral são essenciais e devem ser monitorados a fim de garantir um desenvolvimento saudável, bem como prevenir comorbidades que possam surgir (Pimenta; Amorim, 2021).

Monitorar o desenvolvimento da criança se demonstra extremamente importante para adaptar e ajustar as intervenções terapêuticas conforme necessário. O enfermeiro deve atuar como um elo entre a família e outros serviços de saúde que venham a contribuir no acompanhamento e na assistência ao autista, garantindo à criança uma atenção multidisciplinar (Pimenta; Amorim, 2021).

3 MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo trata-se de revisão integrativa de literatura que, segundo Mendes, Silveira e Galvão (2008) é um método de pesquisa que permite uma síntese de diversos estudos publicados possibilitando conclusões a respeito de uma determinada área de estudo. É dividido em seis etapas: Primeira etapa: identificação do tema e seleção das fontes secundárias nas bases de dados online; Segunda etapa: amostragem ou busca na literatura com estabelecimento de critérios para inclusão e exclusão de estudos; Terceira etapa: coleta de dados com definição de informações a serem extraídas dos estudos selecionados e categorização dos estudos; Quarta etapa: análise crítica dos estudos incluídos; Quinta etapa: interpretação e discussão dos resultados e Sexta etapa: apresentação da revisão/síntese de conhecimento.

A estratégia de busca foi construída através do método PVO (População - P; Variável - V; e Resultado - O), fortemente utilizada para nortear estudos de revisão integrativa. Assim, no presente estudo definiu-se: P – Crianças autistas e suas famílias; V – Intervenções e cuidados de enfermagem; e O – Efeitos das intervenções sobre a saúde da criança e o bem-estar da família. Definindo a seguinte pergunta norteadora: Qual é a contribuição da assistência de enfermagem para

o cuidado de crianças autistas e suas famílias em relação a resultados como a qualidade de vida e bem-estar?

Para a seleção dos artigos serão utilizados artigos em português e inglês que se encontram na base de dados: BVS, SciELO e LILACS, através de uma chave de busca com palavras escolhidas e retiradas da plataforma DECS/MESH (Descritores em Ciências da Saúde), sendo formada a chave de busca: ("Autistic Disorder") OR ("Autism Spectrum Disorder") AND ("Nursing Care") AND ("Family"). O recorte temporal utilizado no estudo será de 2012 a 2023. Serão incluídos no estudo publicações em português e inglês, disponíveis na íntegra.

4 RESULTADOS

Ao todo, foram encontradas nas bases de dados 77 publicações. Após exclusão dos estudos duplicados na base de dados e que não atendiam ao tema, perfizeram um total de 10 publicações para serem avaliadas, seguindo os parâmetros definidos. Destes, após a leitura dos resumos, apenas 08 estudos demonstraram satisfazer os critérios de inclusão, bem como possuírem elementos necessários para responder à questão norteadora proposta.

O Quadro 1 apresenta uma caracterização detalhada dos artigos incluídos nesta revisão. Este sintetiza informações essenciais sobre cada estudo analisado, incluindo os autores, ano de publicação, objetivo do estudo, métodos e principais achados nos artigos selecionados. Evidenciou-se a presença majoritária de estudos recentes, sendo composto 62,5% por trabalhos desenvolvidos a partir do ano de 2019.

Dos estudos encontrados, 50% (quatro) possuíram uma abordagem qualitativa e 25% (dois) foram classificados como estudo de caso. Os outros dois estudos escolhidos foram classificados um como revisão de literatura e outro como revisão de escopo.

Dentre os objetivos encontrados, em sua grande maioria os trabalhos buscaram compreender, analisar e orientar as ações da enfermagem frente ao indivíduo com Transtorno do Espectro Autista (TEA) e sua família.

Quadro 1 - Artigos selecionados após análise crítica dos conteúdos.

| Autor/ano | Objetivos | Método/Tipo do estudo | Resultado /desfechos | Conclusões dos autores |
|------------------|---|---|---|--|
| Fewster, 2019 | Identificar e descrever intervenções de qualidade de vida oferecidas a cuidadores primários de crianças com transtorno do espectro autista. | Revisão de escopo. | O estudo demonstrou que os profissionais da saúde devem proporcionar aos cuidadores maior conhecimento sobre o TEA, bem como reduzir o estresse dos cuidadores. | A necessidade de uma abordagem holística para cuidar de famílias com TEA se torna essencial. |
| Frye, 2016 | Descrever a experiência dos pais com o TEA usando suas | Estudo de caso de abordagem fenomenológica. | As implicações da enfermagem incluem tomar medidas para liderar | Os enfermeiros são os olhos e ouvidos da equipe de saúde e a voz dos pais, criando |

| | | | | |
|--------------------------------|--|--|--|---|
| | próprias palavras e identificar quaisquer recursos necessários para ajudá-los a se envolver ativamente em seu papel como pai de uma criança com TEA. | | os pais através dos desafios e ajudá-los a desenvolver resiliência e facilitar melhores resultados para as crianças e toda a família. | assim uma conexão crítica entre os pais e a equipe de saúde. |
| Jolly, 2015 | Fornecer orientações para o cuidado de crianças com TEA hospitalizadas. | Estudo de caso. | O enfermeiro deve buscar estabilizar o paciente quanto a mudança em sua rotina, além de criar vínculo com o paciente para que haja uma melhor comunicação. Além disso, deve proporcionar a interdisciplinaridade e conectar os demais profissionais necessários a criança. | Uma equipe de assistência em saúde deve estar preparada para atender as demandas de um indivíduo com TEA. Desse modo, é necessário que todos possuam conhecimento e capacitação para atuarem junto a família proporcionando conforto ao paciente. |
| Magalhães <i>et al.</i> , 2020 | Analisar evidências científicas sobre cuidados de enfermagem à criança autista. | Revisão integrativa da literatura. | A enfermagem utiliza a empatia, uma visão holística e diferentes estratégias para cuidar das crianças autistas, porém os profissionais relatam dificuldades na prática clínica. | Identificou-se que é fundamental que a enfermagem tenha empatia, visão holística e conhecimento para prestar um cuidado único e de qualidade à criança e à família. |
| Magalhães <i>et al.</i> , 2022 | Descrever os diagnósticos e as intervenções de enfermagem em crianças com transtorno do espectro autista | Estudo exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa. | As afirmativas diagnósticas foram estruturadas de acordo com os problemas evidenciados, resultando na | Percebeu-se a necessidade de uma rede de apoio especializada na perspectiva da intersetorialidade e interdisciplinaridade, |

| | | | | |
|-------------------------------|---|---|---|---|
| | fundamentados em taxonomias de enfermagem e na teoria do autocuidado. | | fundamentação de 6 diagnósticos e 27 intervenções de enfermagem, que compreenderam o déficit no autocuidado para alimentação, banho, higiene íntima e bucal, o isolamento social e a disposição para melhora do autocuidado. | para promover e proporcionar a evolução das crianças com TEA. |
| Moreira <i>et al.</i> , 2022 | Conhecer as experiências de mães e/ou cuidadores de crianças entre 3 e 9 anos com transtornos do espectro do autismo em relação aos cuidados de enfermagem recebidos nos controles de saúde infantil. | Estudo descritivo, qualitativo, exploratório, com abordagem fenomenológica. | Identificam-se qualidades positivas do cuidado como empatia, confiança, assertividade e conhecimento dos enfermeiros, aspectos que facilitam o diagnóstico oportuno. São percebidas dificuldades de comunicação e satisfação das necessidades das crianças. | O objetivo enunciado foi atendido, revelando as vivências em relação ao cuidado, que se caracterizaram como tratamento prazeroso e empático, porém, o vínculo terapêutico foi identificado como elemento que poderia ser melhorado. |
| Sandri; Pereira; Côrrea, 2022 | Analisar a atuação dos enfermeiros a pessoas com autismo, bem como à sua família, nas Unidades de Pronto Atendimento. | Pesquisa descritiva com abordagem qualitativa. | Evidenciou-se que há certo conhecimento sobre o transtorno por parte dos enfermeiros, mas de maneira limitada. Fica clara a necessidade do papel da família como elo entre o paciente e os profissionais de saúde e a prestação do cuidado | Destaca-se a importância de uma maior abordagem do TEA na formação acadêmica e continuada desses profissionais, visando a prestação de um cuidado de qualidade e que esteja de acordo com as particularidades do sujeito. |

| | | | | |
|---------------------------|--|---|--|--|
| | | | humanizado a esses pacientes. | |
| Sena <i>et al.</i> , 2015 | Analisar a prática e o conhecimento dos enfermeiros da Estratégia Saúde da Família acerca do transtorno autístico. | Pesquisa exploratória, com abordagem qualitativa. | Não houve a prestação de nenhum tipo de assistência à criança autista, justificando o comprometimento no desenvolvimento interacional que o mesmo apresentava. | Constatou-se déficit de conhecimento dos enfermeiros acerca do autismo infantil e inexistência de intervenções práticas realizadas com pessoas autistas e seus familiares, além da não oferta de capacitações que abordem o assunto. |

Fonte: Elaboração própria, 2024.

5 DISCUSSÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) altera toda a vida do indivíduo e de sua família. Mesmo que seus primeiros traços tenham sido descobertos em meados de 1943 por Kanner, ainda nos tempos atuais é possível visualizar dificuldades em seu diagnóstico, bem como em suas linhas de cuidado.

Evidencia-se que indivíduos com TEA vivenciam dificuldades no acesso ao cuidado, como falta de serviços e profissionais especializados, além de dificuldades no diagnóstico do transtorno. Segundo Soni *et al.* (2022), em países emergentes como no Brasil, esse cenário é comum, o que traz a necessidade de se alterar esse quadro e promover uma assistência em saúde de qualidade para os portadores deste transtorno.

Assim como as demais necessidades especiais, o autismo é um transtorno que traz a família do indivíduo sentimentos de medo e preocupação. A partir de seu diagnóstico é possível visualizar nos cuidadores a negação e a revolta, principalmente por ser algo desconhecido por parte dos mesmos. Nesse sentido, o estudo evidenciou a necessidade de trazer para a família conhecimento sobre o TEA. Fewster (2019) e Fryer (2016) levantam a importância de auxiliar os pais, proporcionando maior conhecimento sobre o autismo para que desenvolvam resiliência para conviver com o transtorno e suas atipicidades ao longo da vida.

Verifica-se que todo indivíduo ao longo da vida apresenta demandas quanto a sua saúde. A criança autista, desde seu diagnóstico pode apresentar necessidades de cuidado naturais e específicas relacionadas ao transtorno, o que faz com que a busca pelos serviços de saúde seja mais frequente. Segundo a Organização Mundial de Saúde (2023), pessoas com TEA demonstram maior vulnerabilidade a doenças crônicas não transmissíveis, além de estarem expostas a maior risco de abuso e violência por sua condição atípica.

A enfermagem é uma forte aliada na promoção da saúde e da assistência para essa população, visto que se encontra em todo o âmbito do cuidado, da atenção básica à atenção especializada. Esses profissionais utilizam da visão holística e da empatia para definir estratégias de cuidado para a criança autista e sua família (Magalhães *et al.*, 2020). Desse modo, Ebert, Lorenzini e Silva (2015) corroboram que é necessário que o profissional esteja capacitado, munido-se de conhecimento para ofertar a família e a criança um cuidado integral.

Entretanto, houve um estudo que demonstrou falta de conhecimento por parte dos enfermeiros acerca do autismo e suas condutas. Sena *et al.* (2015) questionaram as práticas dos profissionais quanto a esse tema e o resultado apresentou que nenhum deles realizava intervenções quanto ao autismo com a família e nem havia capacitações que abordassem o assunto no âmbito de trabalho. De acordo com Santos *et al.* (2019), essa falha ocorre pela dificuldade na identificação do transtorno e de suas necessidades específicas por parte dos profissionais e pode gerar a criança prejuízos relacionados a sua saúde.

Por muito tempo o autismo foi um transtorno pouco estudado, o que dificultou o acesso a informações confiáveis sobre sua origem e, conseqüentemente, a criação de práticas baseadas em evidências para o cuidado a essas pessoas. Surgiram diversos estudos contraditórios, até mesmo associando vacinas ao desenvolvimento do autismo, que foram descreditados logo após suas publicações. Sendo assim, o desenvolvimento de intervenções eficazes só ganhou forças a partir dos anos 2000, com a medida em que o número de casos de crianças com o espectro aumentou (Bialer; Voltolini, 2022).

Adendo a isso, estudos mais recentes como o de Magalhães *et al.* (2020) e Sandri, Pereira e Côrrea (2022) corroboram que o conhecimento a respeito do autismo vem sendo disseminado para os profissionais de saúde, porém os enfermeiros ainda apresentam limitações quanto ao conhecimento e suas práticas, sendo importante abordar o TEA desde a formação acadêmica até a educação continuada após o início na vida profissional. Existem, portanto, manuais e documentos que facilitam o ensino desse tema, como as diretrizes de atenção a pessoas com autismo e a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Brasil, 2014).

Verifica-se que nos tempos atuais há melhora no que diz respeito ao conhecimento e ações dos enfermeiros quanto ao autismo. Magalhães *et al.* (2022) levantaram as práticas profissionais de enfermeiros que estruturaram de 6 diagnósticos a 27 intervenções de enfermagem para os pacientes autistas, compreendendo hábitos de sua rotina para buscar melhora no autocuidado. Essas práticas possuem importância tanto no âmbito hospitalar, quando voltada para internação de pacientes atípicos, quanto para seu âmbito social e familiar. De mesmo modo, é possível observar a movimentação de órgãos governamentais como o Ministério da Saúde no desenvolvimento de políticas de saúde que beneficiem pessoas de todas as idades no espectro, como por exemplo, incluir o tratamento do Transtorno do Espectro Autista na Política Nacional da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2023).

Os estudos encontrados demonstram a importância de se criar intervenções que façam a criança autista desenvolver suas habilidades cognitivas e sociais. Sabe-se que esses indivíduos são caracterizados por problemas relacionados a interações sociais e criação de vínculo. Isso faz com que a assistência a saúde possa ser comprometida, visto que estes possuem uma grande dependência durante processos de hospitalização e nos momentos de cuidado. Atrelado a isto, compreende-se que rotinas hospitalares são exaustivas, o que pode ser algo vivenciado de maneira negativa pela criança autista, levando em conta os estressores presentes no ambiente (Araújo; Veras; Varela, 2019). Nesse contexto, Jolly (2015) levanta que o enfermeiro deve sempre promover conforto para o paciente na medida do possível e estabilizá-lo quanto as mudanças em sua rotina e na de sua família.

Johnson *et al.* (2014) destaca a dificuldade na criação de vínculo do paciente com a equipe de assistência, o que pode trazer sentimentos negativos para a família. Porém, espera-se que os profissionais estejam aptos para promover uma boa relação com o indivíduo, através da compreensão de seu espectro, encontrando formas de se relacionar com o mesmo. Moreira *et al.* (2022) identificou qualidades positivas na enfermagem no cuidado a crianças com TEA, como a

empatia, a assertividade e o conhecimento a respeito do transtorno, o que beneficia o desenvolvimento de intervenções para a melhora da saúde.

Salienta-se que a relação entre o profissional da saúde e a família do paciente nesse âmbito é bilateral, ou seja, os dois podem colaborar na promoção do vínculo, de modo que o profissional passe seus conhecimentos a respeito do autismo para a família, enquanto a família passa seu conhecimento a respeito das condições do espectro do indivíduo, garantindo assim um cuidado integral focado nas especificidades da criança (Frye, 2016).

Além disso, Jolly (2015) afirma que o enfermeiro deve proporcionar a interdisciplinaridade, conectando outros profissionais necessários para a promoção da saúde da criança. Nascimento *et al.* (2018) evidenciam que os cuidados a criança com TEA vai além do clínico, necessitando de suporte emocional, social e educacional para ela e sua família. Assim, o enfermeiro possui um papel crucial no cuidado de crianças autistas e seus cuidadores, sendo necessária sua capacitação para auxiliar na compreensão do diagnóstico e no desenvolvimento de intervenção e práticas que auxiliem sua atenção à saúde dessa população.

Contudo, o cuidado do enfermeiro inclui o diagnóstico junto a equipe multidisciplinar, a entrega de informações adicionais sobre o transtorno para a família, bem como a promoção da autonomia do indivíduo com autismo em seu processo de desenvolvimento, de modo a criar estratégias que a levem a uma rotina benéfica para estes e seus cuidadores ao longo da vida.

6 CONCLUSÃO

Verificou-se através do estudo que o enfermeiro possui capacidade de desenvolver estratégias para proporcionar ao paciente com TEA e seus cuidadores uma assistência à saúde integral, em todos os âmbitos. Além disso, salienta-se que suas práticas e intervenções se apresentam eficazes e apresentam melhora para qualidade de vida do indivíduo e de seus cuidadores.

Porém, ainda é preciso compreender as lacunas que os impedem de realizar essas práticas de maneira efetiva ainda nos tempos atuais, visto à presença de estudos que demonstram a dificuldade dos profissionais em relação a assistência a essas pessoas. Desse modo, deve-se introduzir esse tema desde a formação acadêmica, de forma que se dê seguimento pela educação continuada, para minimizar eventuais desconhecimentos sobre o autismo.

Nota-se a atualidade do assunto abordado, visto que há muito mais estudos recentes que retratam sobre o tema de maneira positiva. Foi possível observar a mudança quanto aos conhecimentos e práticas profissionais com o passar dos anos, o que evidencia a necessidade de se aprofundar sobre o autismo e suas intervenções terapêuticas no cuidado a criança e sua família, de forma a dar continuidade na disseminação de informações relevantes através do conhecimento científico.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, JAMR; VERAS, AB; VARELLA, AAB. Brief considerations regarding the attention to individuals with autism spectrum disorder in the public health system. **Rev Psicol Saúde**. 2019;11(1):89-98. doi: 10.20435/pssa.v10i2.687.

BIALER, M.; VOLTOLINI, R. AUTISMO: HISTÓRIA DE UM QUADRO E O QUADRO DE UMA HISTÓRIA. **Psicologia em Estudo**, v. 27, p. e45865, 2022.

BRASIL. Conselho Federal de Enfermagem. Enfermagem melhora qualidade de vida dos pacientes autistas. 2021. Disponível em: <https://www.cofen.gov.br/enfermagem-melhora-qualidade-de-vida-dos-pacientes-autistas>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Atenção Primária e Atenção Especializada: Conheça os níveis de assistência do maior sistema público de saúde do mundo. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/marco/atencao-primaria-e-atencao-especializada-conheca-os-niveis-de-assistencia-do-maior-sistema-publico-de-saude-do-mundo>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA). 2014. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf.

BRASIL. Ministério da Saúde. Saiba mais sobre a APS. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/saps/saiba-mais-sobre-a-aps>.

BRASIL. Ministério da Saúde. TEA: saiba o que é o Transtorno do Espectro Autista e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares. 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/ptbr/assuntos/noticias/2022/abril/tea-saiba-o-que-e-o-transtorno-do-espectro-autista-e-como-o-sus-tem-dado-assistencia-a-pacientes-e-familiares>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Transtorno do Espectro Autista – TEA (Autismo). 2023. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/transtorno-do-espectro-autista-tea-autismo>.

BRASIL. Ministério Público do Paraná. Correio da Saúde - Edição nº 1212 de 12/04/2023. Estados Unidos mantém Rede de Monitoramento de Deficiências no Desenvolvimento e Autismo (ADDM). 2023. Disponível em: <https://site.mppr.mp.br/saude/Pagina/Correio-da-Saude-Edicao-ndeg-1212-de-12042023#:~:text=No%20Brasil%2C%20o%20autismo%20foi,da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20estaria%20no%20espectro>.

BRASIL. Ministério da Saúde. Pela primeira vez, Ministério da Saúde inclui tratamento do Transtorno do Espectro Autista na Política Nacional da Pessoa com Deficiência. 2023.

BUSCAGLIA, Leo. Os deficientes e seus pais: um desafio ao aconselhamento. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

CÂMARA, YMR *et al*. Retrato de uma vida contida: estudo de um caso de autismo com internação prolongada. **Rev. Mal-Estar Subj**. vol.11 no.2 Fortaleza. 2011.

DARTORA, D. D; FRANCHINI, B; DA COSTA, M. A equipe de enfermagem e as crianças autistas. **Journal of Nursing and Health**, v. 4, n. 1, p. 27-38, 2014.

- EBERT, M.; LORENZINI, E.; SILVA, E. F. DA. Mothers of children with autistic disorder: perceptions and trajectories. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 36, n. 1, p. 49–55, jan. 2015.
- FEWSTER, K.M. Qualidade de vida de cuidadores de crianças com transtorno do espectro autista. 2019.
- FONTINELE, A. da S. *et al.* Olhar do enfermeiro na assistência de enfermagem do paciente autista e sua família. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 14, p. e246101420229-e246101420229, 2021.
- FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. Manual para normalização de publicações técnico-científicas. 9. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2014.
- FRYE, Linda. Fathers' experience with autism spectrum disorder: Nursing implications. *Journal of Pediatric Health Care*, v. 30, n. 5, p. 453-463, 2016.
- HELPS, S. Systemic psychotherapy with families where someone has an autism spectrum condition. **NeuroRehabilitation**. Mar 23;38(3):223-30. doi: 10.3233/NRE-161314. 2016.
- HOFZMANN, Rafaela da Rosa *et al.* Experiência dos familiares no convívio de crianças com transtorno do espectro autista (TEA). **Enfermagem em foco**, v. 10, n. 2, 2019.
- JERÔNIMO, T. G. Z. *et al.* Assistência do enfermeiro(a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 36, p. eAPE030832, 2023.
- JOHNSON, N. L.; BEKHET, A.; ROBINSON, K.; RODRIGUEZ, D. Attributed meanings and strategies to prevent challenging behaviors of hospitalized children with autism: two perspectives. **J Pediatric Health Care [Internet]**. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/24>.
- JOLLY A.A. Handle with Care: Top Ten Tips a Nurse Should Know Before Caring For a Hospitalized Child with Autism Spectrum Disorder. **Pediatr Nurs**. 41(1):11-22. 2015.
- MACHADO, Mônica Sperb; LONDERO, Angélica Dotto; PEREIRA, Caroline Rubin Rossato. Tornar-se família de uma criança com transtorno do espectro autista. **Contextos Clínicos**, v. 11, n. 3, p. 335-350, 2018.
- MAGALHÃES, J.M., *et al.* Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. **Rev. Enfermería Global** v. 57, 2020.
- MAGALHÃES, J.M., *et al.* Diagnósticos e intervenções de enfermagem em crianças com transtorno do espectro autista: perspectiva para o autocuidado. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 36, 2022.
- MENDES, K. D. S; SILVEIRA, R. C. C. P; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis. SC. v. 17, n. 4, p. 758-64. Dez. 2008.
- MOTA, Mariane Victória da Silva *et al.* Contribuições da enfermagem na assistência à criança com transtorno do espectro autista: uma revisão da literatura. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 46, n. 3, p. 314-326, 2022.
- MOREIRA, Márcio Borges. **Estratégias de atendimento a pessoas com o diagnóstico de TEA no ambiente hospitalar**. Instituto Walden, 2022.

NASCIMENTO, Yanna Cristina Moraes Lira *et al.* Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na Estratégia Saúde da Família. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 32, 2018.

NEVES, K. C. *et al.* Acolhimento à pessoa com transtorno do espectro autista: um desafio para assistência de Enfermagem. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 8, p. 1-14, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i8.6742>.

NUNES, A. K. A. *et al.* Assistência de enfermagem à criança com autismo. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 11, p. e86991110114-e86991110114, 2020.

NUNES, Ângela Maria F.; SANTOS, Manoel Antônio. Itinerário terapêutico percorrido por mães de crianças com transtorno autístico. **Psicol. reflex. crít.**, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 208-221, 2010.

OZONOFF, S.; Young, G. S.; Carter, A.; Messinger, D.; Yirmiya, N.; Zwaigenbaum, L.; Stone, W. L. Risco de recorrência para transtornos do espectro autista: um estudo do Baby Siblings **Research Consortium. Pediatrics**. 2011;128(3):e488–e495. doi: 10.1542/peds.2010-2825.

PIMENTA, Camilla Gabriely dos Santos; AMORIM, Ana Carolina de Souza. Atenção e Cuidado de Enfermagem às Crianças Portadoras do Transtorno do Espectro Autista e seus Familiares. **Ensaio e Ciência C Biológicas Agrárias e da Saúde**, v. 25, n. 3, p. 381-389, 2021.

PINTO, RNM *et al.* Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 28, n. 3, 2007.

RIVERA, D. G. Assistência de Enfermagem ao Paciente com Autismo na Atenção Básica: Revisão Integrativa. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Minas Gerais. 2018.

SANDRI, Juliana Vieira; PEREIRA, Isabela Antonio; CORRÊA, Thays Gabriela Lemes Pereira. Cuidado à pessoa com transtorno do espectro do autismo e sua família em pronto atendimento. **Semina: Ciências Biológicas e da Saúde**, v. 43, n. 2, p. 251-262, 2022.

SENA, Romeika Carla Ferreira, *et al.* Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. **Revista de pesquisa cuidado é fundamental online**, v. 7, n. 3, p. 2707-2716, 2015.

SONI, N.M. *et al.* Tackling healthcare access barriers for individuals with autism from diagnosis to adulthood. **Pediatr Res**. 2022;91(5):1028-35.